22/07/2025

Não se esqueça de mim

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Se tudo pode virar música, ou se existe música para tudo, a letra de Roberto Carlos e Erasmo, na voz de Nana Caymmi, vem a calhar para o momento. Aliás, o álbum onde foi gravada a música, *Resposta ao Tempo*, parece uma ode à vida. A vida é feita de aprendizados, todos os dias aprendemos algo, seja para o bem, seja para o mal. O cérebro, senhor de quase tudo em nós, vive de aprender. Ela começou a aprender sobre o trabalho ainda menina, muito criança, foi para as lavouras de café. Os pais, de origem espanhola, rígidos, trataram de educar as filhas para o lar, para as tarefas de casa, cozinhar, arrumar, passar, lavar e tantas outras "ars". Tentou repetir o método ao ensinar as filhas, acho que aos filhos também, os sete, quatro homens, três mulheres, que é preciso saber as coisas de casa. Eu aprendi muitas coisas. Ao longo da vida, aprendeu. A sofrer, a sorrir, a ter muita fé, a defender seus filhos, a sentir saudades daqueles que foram partindo, aprendeu sobre a dureza da pobreza/das faltas – de tudo um pouco, a conter as saudades da mãe – não morava tão distante, mas foram cinco anos sem vê-la. Aprendeu com despedidas forçadas e com encontros ligeiros de seus sete protegidos.

Mas chega um tempo que o cérebro se cansa de aprender... muito usado/experimentado... começa a dar sinais de que precisa se esvaziar para poder ter outros aprendizados. Então começam os primeiros esquecimentos, coisas banais do cotidiano. Junto vem a repetição, os mesmos acontecimentos são contados como se fossem a primeira vez. Talvez o dono do cérebro, que é ele mesmo, não perceba essa mudança. É natural!

Talvez, ao se perceber, no caminho da fragilidade, ela poderia pedir, *não se esqueçam de mim*, desespero, descompasso, angústia – o que fazer? Mas não irá perceber! Tudo é naturalmente preparado para permitir a desconstrução do saber, o silêncio, as coisas ficam mais estranhas – mas não podem ser estranhas – não se sabe o que é estranho! Não sabe, não sabe, não sabe sobre tudo aquilo que aprendeu.

Talvez cheguemos ao decurso onde as palavras não serão ditas, os carinhos se perderão, outra pessoa pode aparecer no corpo dessa ágil/frágil mulher. Nestes momentos, os dias e as noites serão iguais, os espaços serão estranhos. As coisas mais simples do cotidiano se transformarão em uma barreira intransponível, sobrará inquietação/ansiedade e, quem sabe, alucinações! E nós? Provavelmente, estaremos esquecidos ou guardados em algum lugar tão profundo que não pode ser alcançado. Mas ainda é vida/não devemos esquecer dela! Apenas o cérebro que se vai, se cansou! O egoísmo ou o medo de quem está próximo e, sobretudo, de quem se fez distante é dizer – *não se esqueça de mim*! Talvez chegue um ponto em que os rostos dos seus já não dirão nada, não saberá quem é! Antes de dizer/suplicar/chorar – por favor, não se esqueça de mim... pense... poderíamos ter construído pontes para todos os dias lembrar/lembrar e lembrar – dos dias de comunhão, de estar juntos, dos abraços e dos encontros, todos os dias é possível encontrar – encontrar/partilhar dos momentos juntos. Já sinto saudades do tempo em que eu não estive/das vezes que faltei/que não fui, mas poderia ir.

Mas ainda é tempo de poder aprender, de recuperar o tempo, de fazer diferente, de correr contra o tempo.

Não nos preocupemos com o esquecimento, devemos construir boas lembranças, aprendizados, cuidados. Agora somos nós que não devemos esquecer dela... até que no ciclo de vida, quiçá, poderemos passar pelo mesmo processo. Espero que os mais jovens aprendam mais essa lição deixada no momento em que já não se elaboram novos aprendizados: esquecer é apenas um direito dela, que viveu uma vida para lembrar de todos, nos mínimos gestos de partilha. E que em algum momento também poderemos nos esquecer, mas quem sabe, no que restar de memória, lembraremos que em outro tempo, anos antes, não esquecemos dela.

Obrigado por tantas e tantas vezes ter se lembrado de mim, de quando eu não chegava e você ainda esperava, de todos os cafés preparados, à sua disposição de acordar antes do acordar... Me perdoe pelo meu egoísmo de não querer vê-la sofrer, como se minha dor fosse maior. Me desculpe por todos os momentos em que me esqueci de você.

▪▪▪

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*